

HISTÓRIAS, EXPERIÊNCIAS E MEMÓRIAS DE QUATRO SUJEITOS SURDOS

Resumo

A presente trabalho analisa o ensino da língua de sinais em Criciúma-Santa Catarina, a partir das transformações na metodologia de ensino, a partir das memórias e vivências de surdos, ao longo do tempo. Buscou-se valorizar e registrar a memória de sujeitos surdos, descrever os métodos pelos os quais foram ensinados e como estes métodos influenciaram e influenciam até os dias de hoje. Na conclusão foi possível observar que cada método possui sua relevância, pois os entrevistados se utilizam destes métodos até os dias de hoje.

Palavras-chave: Surdo. Libras. Memória. Ensino.

Introdução

Os surdos precisam ter seus valores e cultura conhecidos e vivenciados por outras pessoas de modo a promover sua inclusão. Para que possam exercer sua cidadania junto aos ouvintes. Em Criciúma-Santa Catarina, onde foi desenvolvida esta pesquisa, da mesma forma como a grande maioria das comunidades brasileiras, desconhecem o verdadeiro contexto do surdo e sua realidade, além dos significados da comunidade surda. Que se encontram às margens das questões sociais, culturais, e educacionais, não sendo vistos pela sociedade por suas potencialidades, mas por suas limitações impostas por sua condição.

A pesquisa realizada pode ser categorizada como exploratória – descritiva e teve como delimitação as respostas dos entrevistados de sujeitos surdos. Dois já formados em nível superior e outro em formação no Ensino Médio. Para tanto, as entrevistas foram realizadas por meio de gravação em Libras, com objetivo de respeitar a cultura e língua materna do sujeito surdo. Os mesmos puderam narrar suas memórias em forma de vídeos, pois como complementa Souza (2014), narrar é centrar-se nas trajetórias, experiências e percursos dos envolvidos com a temática em questão, marcadas por aspectos históricos e abstratos diante às análises e reflexões elaboradas por cada indivíduo sobre a ação de recordar, relatar e descrever sobre si, o que pode gerar melhor clareza daquilo que poderá servir como registro da memória. As entrevistas com três participantes foram realizadas em vídeos com a língua de sinais – Libras e

depois traduzidos para a língua portuguesa, um dos participantes realizou a entrevista por meio de e-mail, pois o mesmo não reside mais na cidade.. A escolha dos sujeitos se deu por conveniência e também devido ao grande exemplo que cada um destes deixou e ainda deixam na Comunidade Surda de Criciúma-Santa Catarina.

1. Metodologias de ensino: o início de tudo

Para uma melhor compreensão sobre os depoimentos dos sujeitos surdos é preciso entender as metodologias de ensino que os mesmos passaram. O Primeiro foi o oralismo que obteve aprovação e consentimento e que segundo Skliar (2011), facilitou o projeto geral de alfabetização, eliminando um fator de desvio linguístico. Neste período de 1880, a utilização de qualquer tipo de Língua de Sinais foi proibida, mas mesmo assim muitos dos Surdos continuavam a manter sua comunicação por meio de sinais, de forma escondida, entre as comunidades sociais (LODI, 2005). Os alunos Surdos mais novos eram afastados dos mais velhos, para que esses não se deixassem contaminar pela cultura Surda e pela Língua de Sinais (SKLIAR, 2011). Os professores Surdos foram quase totalmente substituídos por professores ouvintes, que desconheciam o idioma visual, foram eles no entanto que montaram novas estratégias de ensino (SACKS, 1989).

A deliberação do Congresso, quanto ao tema, foi de aprovação pois o processo pedagógico, na visão deles, estava alcançado seus objetivos e não precisava de modificações. Através das línguas de sinais, os surdos estavam conquistando seu espaço nas mesmas condições dos ouvintes. A história mostra por esta postura, ao longo da história da humanidade, quase sempre as mesmas pessoas ouvintes decidindo pela educação dos surdos. Para Skliar (1997, p. 50 apud QUADROS, 2006), os entendimentos desse ponto estavam vinculados a questões filosóficas, políticas e religiosas. Além disso, pode-se considerar que as deliberações do Congresso pode ter sido inferido pelo modelo de homem-máquina da ciência moderna.

Diante dos resultados negativos do oralismo, segundo Lacerda (1998), desenvolveu-se outra filosofia educacional, denominada Comunicação Total. Isso foi em meados de 1980 e teve como principal objetivo a comunicação do surdo com os ouvintes e também com outros surdos. A partir deste momento, a oralização deixa de ser meta principal e passou a ser apenas um dos recursos

adicionais para ser utilizado. Agora, nesta proposta, os sinais passaram novamente a serem utilizados, mas sem o reconhecimento de uma língua. A estrutura gramatical era totalmente diferente dos moldes da língua oral, com sintaxe e morfologia totalmente artificiais (LODI, 2005). As línguas orais, o Francês e Inglês, eram traduzidas de forma literal para os sinais, ao invés de expressarem as ideias que se desejava (SACKS, 1989). A fala e leitura labial eram utilizadas concomitantemente ao uso de sinais (LODI, 2005).

Na década de noventa foi onde a educação de surdos começou a ser pensada em uma perspectiva multicultural, sendo pautada pelas diferenças, as quais consolidaram a Identidade surda. Surgiu o bilinguismo essa metodologia se utiliza da língua de sinais como primeira língua para o surdo e português escrito como segunda língua, respeitando a cultura dos mesmos. Mais a frente houve a aprovação do Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002, a qual reconhece a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como a língua oficial da comunidade surda brasileira (BRASIL, 2005; 2002).

2. A MEMÓRIA

A memória é um elemento essencial na formação da identidade cultural, individual, coletiva e em função disso ser valorizada e preservada. Preservar a memória dos sujeitos surdos não significa prendê-los ao passado, nem interromper o seu desenvolvimento, mas sim proteger seus pilares constituintes, a fim de não se perder conhecimentos e identidades. Memória é a capacidade humana de guardar acontecimentos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações por meio de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.) (VON SIMSON, 2015).

Jacques Le Goff, afirma que “o conceito de memória é crucial” (LE GOFF, 1984), e que a mesma pode ser recebida de duas maneiras: ressaltando a importância da memória nas discussões contemporâneas e no campo das humanas e remetendo a importância fundamental da memória no debate atual acerca de problema como de identidade, na medida em que a memória é um dos elementos constituintes e fundadores da identidade.

A memória, portanto, é a representação do passado. (ROUSSO, in FERREIRA & AMADO, 1996). Mas, ao mesmo tempo, uma reconstrução que acarreta uma representação seletiva do passado, um passado que não é

individual, e sim, de um indivíduo inserido num contexto social. Afirma-se, assim, que a memória é individual e de fato também coletiva, sendo possível, estabelecer uma ligação intrínseca entre memória e identidade.

Esta relação surge na medida em que a memória é um elemento constituinte da identidade, pois a memória acaba por criar as condições para desenvolver o sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo no seu processo de construção de identidade. Como tão bem afirma Bauman, a questão da identidade é a questão do momento (BAUMAN,2004).

A memória opera como uma ligação com o passado, enriquecendo o presente e contribuindo para um futuro. A memória relaciona o que precisa ser lembrado e o que precisa ser esquecido e também opera por elementos para que se possa criar um lugar de pertencimento, que não deixa de ser, uma memória comum. O pertencimento a uma comunidade ou a um território de identidade, não é um lugar geográfico, mas cultural, onde a cultura se difundi entre seus participantes. Portanto, pode-se analisar a identidade como uma categoria histórico-cultural, que se constitui e é vivenciada sob a forma de discursos sociais, uma produção inacabada, um lugar de altercação em constante movimento de transformação, sempre constituída dentro da representação e nunca fora dela (HALL,S.,1990).

A memória e a identidade construídas em um determinado tempo histórico e constituída por alguns indivíduos é, na verdade, uma consequência da seleção não intencional de acontecimentos e de fatos, que acaba por criar uma situação factual baseado em fatos que são lembrados e baseados em realidades percebidas e, como consequência, criam uma historia a partir do momento que consegue relatar uma trajetória de vida.

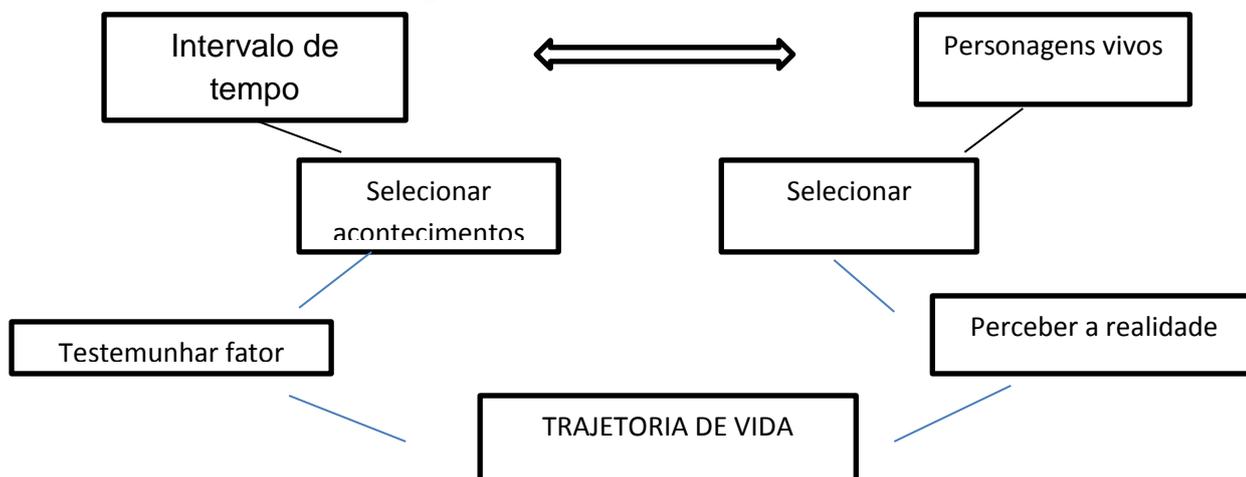


FIG 1 - modelo teórico de análise das histórias, experiências e memórias.

3. EDUARDO SCHEFFER PUZISKI

Eduardo começa relatando sobre como ocorreu o seu processo de aprendizagem e se o mesmo foi em língua de sinais ou oralização:

Eu aprendi LIBRAS que comecei 3 anos de idade e depois aprendi português para escrever e ler, também aprendi falar como oralismo para Escola Especial Concórdia em Porto Alegre, essa escola é educação de surdos. E depois eu mudei para outra escola como inclusão, eu já aprendi antes. Eu uso comunicar duas línguas como comunicação total. E até hoje, uso mesmo... Mas uso mais Língua de Sinais.(PUZISKI,2015).

O entrevistado transita em dois métodos de ensino: o uso da língua de sinais e o oralismo no qual denominamos como Comunicação Total, essa filosofia surgiu em 1968, utiliza todas as formas de comunicação possíveis na educação dos surdos, tais acredita que a comunicação e não apenas a língua, deve ser privilegiada. Conforme Goldfield (1997), a partir da década de setenta, percebeu-se que a língua de sinais deveria ser utilizada independentemente da língua oral. Na sequência, relata sobre o método utilizado na sua alfabetização:

Eu estava sentindo bem lá escola em Porto Alegre, porque já aprendi muito rápido. Eu aprendi comunicação total como oralismo e LIBRAS. Eu comunico a Língua de Sinais que quase fluente. Porque eu contato muito para surdos e professores de LIBRAS. E depois eu mudei, eu me sinto aqui escola inclusão estava muito diferente que lá, percebi que muito falta, pouco falta conhecimento da cultura surda e comunidade surda.(PUZISKI,2015).

Este método tinha como maior objetivo usar diferentes estratégias desde que o surdo pudesse se comunicar como reafirma o autor Schelp (2008) que o objetivo central era a utilização de qualquer estratégia que fosse capaz de possibilitar a preservação da comunicação das pessoas surdas. Este método determina que a língua de sinais, mímicas, gestos, leitura labial, entre outros meios favorece com o desenvolvimento da linguagem oral. Este método não surgiu para impedir ou negar o oralismo, pois este até então prevalecia na educação de surdos. Não é contrário ao uso da linguagem oral, mas exprime-se como um sistema de comunicação que complementa (MARCHESI; MARTÍN, 1995).

Pode se perceber na resposta do entrevistado, que o mesmo entendia o quanto sua cultura não era valorizada, pois a cultura surda é o jeito que o surdo compreende o meio e a forma de como se modifica, a fim de ajustá-lo em um ambiente mais habitável e acessível com as suas compreensões visuais, que

de fato auxiliam para a descrição das identidades surdas e do significado das comunidades surdas. Designa-se um entendimento da língua, dos princípios, dos costumes, das crenças e dos hábitos do povo surdo. Como a pesquisadora surda Perlin (2004, p. 77-78) descreve:

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com o maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência o posicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social.

É prudente respeitar e valorizar os surdos em suas mais variadas perspectivas e cultura. O entrevistado, em outra pergunta, relata o quanto ficou desmotivado com sua mudança para um novo contexto onde sua língua materna não era respeitada:

Quando eu ficava triste que eu mudei para Santa Catarina, porque eu não quero mudar e quero continuar escola lá Porto Alegre, eu já acostumo lá e também já tem tudo professor de LIBRAS. Por isso eu ficava triste que eu mudei, por causa é minha família. Estudei escola inclusão, não tinha intérprete, estudei sala de recursos que professor ouvinte não estava perfeito da LIBRAS e pouco surdo. Porque eu não acostumei... Escola inclusão tem muito, falta pouco conhecimento da cultura surda. E depois mais anos, escola inclusão estava melhorar.(PUZISKI,2015).

A rotina do entrevistado mudou completamente de uma cidade para outra.

Pode se perceber que existe uma lacuna muito grande entre ambas e o quanto isto prejudica o processo de aprendizagem dos sujeitos surdos. Ele passou por vários processos em sua educação e hoje é formado em duas faculdades. Uma é Pedagogia pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC e a outra é Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Quando a sua atuação: “Hoje meu trabalho é professor de LIBRAS para escola particular e também auxiliar de RH como empresa da cooperativa em Blumenau”, sendo que este é um dos maiores exemplos para o povo surdo, pois o mesmo se formou em uma das faculdades sem ter intérprete, apenas com muita força de vontade: “UNESC não tinha intérprete. UFSC tem intérprete e também professor de LIBRAS”.

4 SILVIA VITALE

Silvia sobre seu processo de escolarização afirma que:

Eu estudei na escola Coelho Neto da Rede Municipal do Município de Criciúma, do primeiro ano das séries iniciais até o oitavo ano do ensino fundamental. Eu consegui aprender porque a professora me ajudava muito, tinha palavras era difícil saber, mas a professora

sempre ajudando, matemática também pra mim era muito difícil, mas com a ajuda da professora tudo ficava fácil. A professora não sabia nada de Libras apenas oralizava, eu prestava muito atenção no que a professora estava explicando. Me formei na oitava e continuei estudando na mesma escola até acabar meu ensino médio, mas a escola nunca forneceu um intérprete, foi sempre através da oralidade. No meu ensino médio foi muito difícil matemática, física eu estudava muito e sempre pedia ajuda para meu irmão, ele sabia e assim era mais fácil pra mim, graças a Deus conseguir me formar. Eu estudava em dois períodos de manhã estudava na escola Coelho Neto e a tarde estudava no STS no Colegião nesta escola eu também aprendia a oralizar não tinha intérprete não tinha Libras eu sofria muito. (VITALE, 2015).

A Silvia decorre em seus relatos a forma de como a mesma foi alfabetizada através do método da oralidade, elimina-se segundo Skliar (2011), para facilitar o projeto geral de alfabetização, eliminando um fator de desvio linguístico. As ciências humanas e pedagógicas preferiram o oralismo, porque respeitava a concepção filosófica de Aristóteles, no qual o mundo de ideias, abstrações e da razão é representado pela palavra: o mundo do concreto e do material é pelos sinais. No decorrer de seus relatos a mesma explica que:

Depois mais ou menos em 1995 comecei a aprender Libras com o professor Rodrigo Rosso, agora sim começamos a aprender Libras a participar da associação e aprendi muito rápido.(VITALE,2015).

O contato com outros surdos é de extrema importância para o mesmo ter um aprendizado eficaz e valorizar sua cultura. Quando se identificam com a comunidade surda, eles se motivam para valorizar a sua condição cultural e a ter mais orgulho e autoconfiança na sua construção de identidade. Ingressando em uma relação intercultural, iniciam um caminho onde são respeitados como sujeitos "diferentes" e não como "deficientes" (PINTO, 2001). Com o decorrer dos anos, Silvia relata que decidiu iniciar sua formação em nível superior enfrentando também algumas dificuldades:

Depois comecei a estudar faculdade de Pedagogia na UNESC, me formei e não tinha intérprete, sofri muito para consegui me formar. Eu estudava muito as palavras que não conhecia, pesquisava e conseguia passar, também as professoras sempre ajudavam. (VITALE,2015).

Ela se formou no ano de 2008 e no ano de 2005 já sendo assegurada pelo Decreto 5.626 em 2005, onde a educação Bilíngue aos surdos no Brasil, garantindo o acesso à comunicação, informação e educação às pessoas surdas, desde o ensino infantil até o ensino superior. Como está definido no capítulo VI do Decreto 5.626 de 2005, Art. 23:

As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros

espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação (BRASIL, 2005, p. 1).

É de extrema importância que o surdo tenha uma comunicação em sala de aula, na sua fala, a entrevistada relatou que os professores em todos os momentos, tinha a mesma dificuldade. Paralelamente sabiam que estavam contribuindo com a formação da mesma. Passa, no entanto, justificar a falta de um intérprete em sala de aula. Após sua formação se tornou profissional na área:

Depois que me formei na faculdade comecei a trabalhar na escola São Cristovão na cidade de Criciúma só substituindo outros professores, depois fiz a inscrição, consegui passar e comecei a trabalhar sempre na mesma escola, hoje trabalho em duas escolas no São Cristovão da Rede Estadual e também na Rede Municipal, também ministro curso de Libras a noite na Rede Municipal. Nas escolas eu trabalho como instrutora de Libras, ensino Libras para os surdos e também palavras em português, os significados, explico muito aos surdos porque os mesmos precisam fazer a relação saber a Libras e escrever português, sabendo seus significados.(VITALE,2015)

Nos dias de hoje, Silvia utiliza do método do bilinguismo para promover ensino de seus alunos surdos como a mesma relatou em sua fala acima. Esta metodologia propõe que o surdo comunique-se fluentemente na sua língua materna (língua de sinais) e na língua oficial de seu país a escrita e leitura do português. O desenvolvimento cognitivo, afetivo, sociocultural e acadêmico das crianças surdas não depende necessariamente de audição, mas sim do desenvolvimento espontâneo da sua língua que facilita o processo de aprendizagem.

De acordo com Lacerda (2000), o bilinguismo tem por objetivo apresentar o mais cedo possível a língua de sinais à criança surda, pois esta obtenção favorece o desenvolvimento repleto e completo de linguagem ao surdo e, conseqüentemente, um desenvolvimento pleno. Sendo a mesma ensinada através da oralidade, pode-se perceber o quanto seu trabalho é inovador.

5 JESSICA DAL MORO

Jessica iniciou seu relato ressaltando sobre o quanto deixou de aprender e o quanto foi difícil sua caminhada, reprovando inclusive três anos por falta de pessoas qualificadas na área:

Na escola há tempo atrás era muito difícil aprender, eu estuda mais português, palavras não conseguia entender nada, era muito difícil aprender. Teve várias provas eu tirei nota baixa e acabei reprovando. Na primeira série das séries iniciais, na quarta e na sétima. Aprender eu não conseguia porque era difícil, no outro ano da sétima série que

repeti de novo uma intérprete começou a trabalhar na escola e eu comecei a aprender aos poucos palavras, significados, nas provas conseguia fazer e português também consegui aprender mais e tive uma evolução.(DAL MORO,2015).

Este tema é de grande relevância. Há escassez de material a nesse aspecto, especialmente quando o ponto central é o ensino fundamental. A partir do momento que se inclui um intérprete de língua de sinais nas aulas inicia-se uma possibilidade do aluno surdo poder receber a informação. Na medida em que a condição linguística especial do surdo é respeitada, os mesmos podem se desenvolver e construir novos conhecimentos de forma satisfatória, em contraponto a uma 'inclusão escolar' sem qualquer cuidado especial (LACERDA, 2000). A inclusão de um intérprete nas aulas é essencial para o desenvolvimento do aluno surdo como a entrevistada relatou em seu discurso após ter um intérprete presente em sala de aula:

Os anos foram passando continuei estudando sempre com uma intérprete me acompanhando e foi muito bom. Porque as pessoas precisam entender que o surdo sofre muito na escola, é muito difícil a escola precisa ter intérprete, agora que a escola tem intérprete consigo aprender e passar de ano.(DAL MORO,2015).

É visível que o desenvolvimento foi literalmente acelerado e alavancado com a presença de um profissional em sala de aula. Os intérpretes de língua de sinais surgiram devido à necessidade da comunidade surda de possuir um profissional que auxiliasse no processo de comunicação com as pessoas ouvintes e hoje, é possível ver o quanto um trabalho adequado ajudou a aluna na evolução em sua caminhada escolar:

Hoje estudo no terceirão agora eu inteligente, desta forma eu gosto estou muito feliz, agora está muito melhor aprendi muito a Libras sou fluente agora e é muito bom. Hoje já tenho vinte anos, porque reprovei três anos, mas estou quase formada pra mim é um alívio fico muito feliz, é muito bom eu gosto. Agora tenho intérprete eu interage muito ela me ensina palavras, significados, sinais, para meu futuro ser melhor. (DAL MORO,2015).

O papel do intérprete vai além de somente interpretar uma língua para outra. Seu trabalho é maior que ser apenas uma boa comunicação. Está envolvido na interação comunicativa (social e cultural) com poder completo para influenciar o objeto e o produto da interpretação (QUADROS, 2004). Na educação inclusiva de alunos surdos é de fundamental importância a realização da mediação linguística entre professores/colegas ouvintes, permitir o acesso do aluno surdo aos conhecimentos escolares. Bem como fornecer ao mesmo uma compreensão ampla do que está sendo ensinado.

Fica evidente a importância da educação bilíngue para a aprendizagem da criança surda, sendo fundamental, para isso, que as atividades realizadas sejam adaptadas conforme suas necessidades. Diante disso, o aluno surdo precisa de uma metodologia de ensino própria, com sala de aula adequada, em que predomine o visual. É importante perceber que a pessoa com surdez tem as mesmas possibilidades de desenvolvimento da pessoa ouvinte, precisando apenas que suas necessidades especiais sejam atendidas. A língua de sinais torna-se imprescindível para esse processo de aprendizagem, bem como a língua portuguesa, visto que, a primeira, servirá de mediadora para a segunda, e a alfabetização será de forma natural, primeiramente entende-se a Libras, e, aos poucos, associa-se ao português. É preciso, que a escola, não se preocupe apenas em alfabetizar os alunos surdos, mas sim, ofereça-lhes condições para que se tornem leitores e escritores, não apenas codificadores e decodificadores dos símbolos gráficos, apoiando-se menos na relação oralidade/escrita, e sim, no aspecto visual da escrita como fator relevante no processo de sua aquisição (KUBASKI; MORAES, 2009, p. 3418).

As autoras apontam que os surdos alfabetizados bilíngues com conhecimento da cultura do ouvinte e de sua própria cultura, possuem facilidades nos seus desenvolvimentos integrais. Com isso podem exercitar a plenitude das suas cidadanias.

6 ALESSANDRA PERICO

Alessandra afirma, na sua entrevista:

Eu nasci na cidade de Urussanga, depois de um ano mudei para a cidade de Criciúma. Comecei estudar na escola da Rede Estadual STS, eu era uma criança, não sabia nada, apenas aprendia a oralizar, eu ficava parada olhando sem entender nada, não usava língua de sinais. Exemplo quando queria ir no banheiro não tinha sinal e eu ficava fazendo mímica pra explicar que queria ir ao banheiro, era muito difícil. Passaram tempos e eu não aprendia nada apenas a oralizar, com minha família também era muito difícil não tinha comunicação era tudo oralizado também, quando eu queria alguma coisa, exemplo água pegava pela mão da minha mãe e mostrava o que queria, aí minha mãe entendia e me dava água, isso acontecia para várias coisas que eu precisava. Mas eu tento entender minha família ter paciência com eles.(PERICO,2015).

Ela, desta forma, foi marcada pela corrente do oralismo, inclusive em sua vida familiar. Na escolar o seu processo de aprendizagem foi assim descrito:

De manhã eu estudava na escola somente junto com surdos, a professora ensinava oralizar, ela falava as letras e fazia a gente repetir para conseguir sair a voz, os sinais eram totalmente proibidos, quando a professora saía da sala eu conversava com meus amigos surdos em sinais escondido da professora, quando ela voltava nós ficávamos quietos. Na parte da tarde eu estudava em uma sala junto com ouvintes era muito difícil porque a professora apenas oralizava não tinha comunicação, o português pra mim era muito difícil, a escola STS era boa, mas estudar junto com ouvintes pra mim não era bom. Tinha mais ou menos dez surdos que estudava na sala junto comigo. Nós estudavam com livros, mas era muito difícil então pedia ajuda para minha tia ela era professora e sempre me ajudava. Eu gostava de estudar, mas faltava Libras, as professores da escola só ensinavam oralizar.(PERICO,2015).

A metodologia oralista procurava desenvolver a fala do surdo, pois para os defensores deste método, a língua falada era considerada essencial para a comunicação e desenvolvimento integral das crianças surdas. De acordo com Goldfeld (2002), essa ideia de educação adequa-se no modelo clínico, destacando a magnitude da integração dos surdos na comunidade de ouvintes. Para isto ocorrer o sujeito surdo deve aprender a falar. A autora Goldfeld (2002, p. 34) destaca que:

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade.

Alessandra não passou por esta corrente somente em sua vida escolar e familiar. Em seu trabalho, que atua há vinte e cinco anos na Farmácia SESI, as pessoas nas quais convivem não sabem Libras. Somente seu chefe, domina um pouco:

No meu trabalho as pessoas também não sabem Libras, elas falam devagar e eu vou tentando entender o que elas querem dizer e meu chefe sabe um pouco de sinais o básico pra se comunicar comigo eu ensinei alguns sinais. (PERICO,2015).

Em vários momentos, ela relata, que sua cultura e língua não foram respeitadas pela maioria das pessoas que a mesma convive:

Nos sábados e domingos eu sempre tenho vontade de ficar em casa descansar de passear na associação encontrar meus amigos surdos conversar, brincar é muito bom estar juntos com os surdos, nós sempre combinamos para passear sempre um grupo de surdos e difícil os ouvintes participarem. E assim nos divertimos.(PERICO,2015).

A entrevistada teve seu método de ensino desenvolvido através do oralismo, ficou evidente que foram períodos difíceis, pois até sua própria família, ainda nos dias de hoje, se comunica por meio do oralismo. Para Alessandra é muito importante ter a companhia de seus amigos surdos. Pode-se perceber o quanto fica feliz em relatar sobre passeios e diversões que fazem juntos nos finais de semanas, junto com a comunidade surda.

7 Análise das entrevistas

Após realizar uma análise sobre questões concernentes aos modelos de ensino destinados aos surdos, além da história de alguns dos indivíduos surdos da cidade de Criciúma- Santa Catarina e tomar conhecimento das experiências dos sujeitos surdos através de suas memórias a respeito de todas estas

questões, pode-se concluir que os entrevistados passaram por diversas fases e até os dias de hoje são assombrados pelo oralismo.

Uma pauta importante, que inicialmente aparece, é quanto a incapacidade, ou não, do interprete para que o sujeito possa participar do mundo ouvinte. Nem todos os indivíduos surdos têm condições financeiras de pagar um intérprete, e logo muitas vezes poderão ficar excluídos de muita coisa que acontece fora da comunidade surda usuária somente de Libras, se isso for realmente verdade, duas pautas podem ser tiradas dessa reflexão inicial:

- a) A da necessidade incondicional do interprete, que é a consequência da incapacidade do universo oral de se adaptar a limitação pontual da fala do surdo;
- b) Da exclusão, ou não, de dois mundos diferentes e que vão se relacionar: o mundo da oralidade e o mundo dos surdos.

Mostra-se através das memórias dos entrevistados o quanto eles superaram barreiras para alcançarem seus objetivos e conquistaram seu lugar na sociedade, mostrando que não existe limites e sim nós mesmos fazemos estes limites. Para finalizar tem-se que Eduardo se formou em duas faculdades, sendo uma sem ter interprete e hoje mostra resultados positivos: “Hoje meu trabalho é professor de Libras para escola particular e também auxiliar de RH como empresa da cooperativa em Blumenau”,

Silvia mostra que, mesmo sendo ensinada através da oralidade, consegue perceber o quanto seu trabalho é inovador e relevante, Sua dedicação de uma profissional que realmente sabe a melhor forma de passar o conhecimento.

Jessica, uma grande guerreira, mesmo com toda dificuldade não desistiu: “Hoje já tenho vinte anos, porque reprovei três anos, mas estou quase formada para mim é um alívio e fico muito feliz”.

Alessandra tem sua trajetória marcada pela corrente do oralismo, não somente em sua vida escolar, mas também familiar. No seu trabalho a mesma mostrou determinação, pois atua a vinte e cinco anos no SESI.

8 Considerações Finais

A respeito da trajetória histórica dos sujeitos surdos, conclui-se que os mesmos passaram por diversas fases. Após o Congresso de Milão passaram a

transitar pela medicina, se tornando deficientes e a serem ensinados pelo método da oralidade que até os dias de hoje assombram a vida de muitos surdos, os entrevistados confirmaram os efeitos que o congresso causou em seu desenvolvimento escolar, poia a perspectiva clínico-patológica, esta sempre presente na sociedade e na vida dos entrevistados. Ainda se encontram com profissionais e pessoas que reforçam estes métodos. Paralelamente existe uma insistência cruel em caracterizar os surdos como portadores de deficiência e por este motivo perpetuar a visão dos mesmos como seres inferiores e passíveis de correção. Isto permite uma seguinte reflexão: de que a sociedade é capaz de se moldar às mais esdrúxulas e injustas exigências do capital estrangeiro, das elites, das grandes corporações, entre outros, mas não é capaz de fazer pequenas adaptações necessárias para que os sujeitos surdos tenham uma qualidade de vida melhor e seus direitos assegurados e respeitados também no que concerne a sua educação.

Nesta perspectiva, as escolas deveriam ser reestruturadas para que os professores tenham condições de se capacitarem para atender todos os alunos de modo igualitário. Deveriam estar abertos a compreender as diferenças escritas, pois uma grande maioria de ouvintes não irá aprender língua de sinais, necessitando de diferentes e inovadoras estratégias.

Referencias

- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004
- GOLDFIELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus Editora, 1997.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.
- LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. O intérprete de língua de sinais no contexto de uma sala de alunos ouvintes: problematizando a questão. In: LACERDA, C.B.F.; GÓES, M.C.R. (org.). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000, pp. 51-54.
- _____. A prática fonoaudiológica frente as diferentes concepções de linguagem. **Revista Espaço**, Instituto de Educação de Surdo, v.10, p.30-40, 1998.
- LANE, Harlan. **A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- LODI, Ana Claudia Balieiro. Plurilinguismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.3, p. 409-424, set./dez., 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a06v31n3.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

_____. Uma leitura enunciativa da língua brasileira de sinais: o gênero contos de fadas. **DELTA [online]**, v.20, n.2, pp. 281-310, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v20n2/24271.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

KUBASKI, Cristiane; MORAES, Violeta Porto. O bilinguismo como proposta educacional para crianças surdas. **IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. PUCPR, out., 2009. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3115_1541.pdf>. Acesso em: 26 de junho de 2016.

MANACORDA, Mario Alighiero. **A educação nos setecentos**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

PUZISKI, Eduardo Scheffer. **Um mundo de silêncio: 30 anos de história na educação de surdos em Criciúma**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Criciúma, SC: UNESC, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de. **Estudos surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/ParteA.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. **Implementação e acompanhamento do desenvolvimento da educação bilíngue no Estado de Santa Catarina**. São José, 2011.

SILVA, Angélica. **O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor**. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000276979>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.

SKLIAR, C. E. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 5.ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

SOUZA, Eloisio Moulin de (org.). **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional [recurso eletrônico]: uma abordagem teórico-conceitual**. Dados eletrônicos. - Vitória: EDUFES, 2014. Disponível em: <<http://www.unihorizontes.br/fnh/wp-content/uploads/2014/09/Metodologias-e-anal%C3%ADticas-qualitativas-em-pesquisa-organizacional-uma-abordagem-te%C3%B3rico-conceitual.pdf>>. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

STUMPF, Marianne Rossi. **Sistema Signwriting: por uma escrita funcional para o surdo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da UNICAMP**. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.html>>. Acesso em: 20 de junho de 2016.